

História da Filosofia

66 A Filosofia Reconstitutiva de Dewey

Por Dr. Arthur Holmes do Wheaton College

Hoje, gostaria que refletíssemos sobre o livro "Reconstrução na Filosofia", do autor. Espero que vocês o tenham em mãos. E na semana que vem, vamos estudar fenomenologia e existencialismo.

Duas semanas de isso antes de termos outro exame. Ai! Não, não estou dizendo isso por você.

Estou dizendo isso por mim. Ai. Essas provas não exigem muito esforço para você redigir.

Não, não precisam. Só que dá muito trabalho para eu anotar tudo nas provas, sabe? E depois teremos as quatro semanas restantes, se não me engano, sobre filosofia empírica e analítica dos séculos XIX e XX.

Certo? Certo, então acho que é isso. Muito bem, Reconstrução de Dewey. O título já entrega tudo, não é? E, conseqüentemente, levando em conta esse título, eu coloquei subtítulos em todos os capítulos.

Duas visões sobre isso, aquilo e mais aquilo outro. Porque acho que ele é consistente em desenvolver o tema do título geral ao longo de todo o livro. Ele está falando sobre o que a filosofia clássica tem sido e o que ele acha que ela deveria ser.

E o mesmo se aplica a cada área da investigação filosófica. Assim, surgem essas duas perspectivas. Mas creio ser importante reconhecer que, subjacente às suas discordâncias com o que a filosofia tem sido, está uma visão da natureza humana muito diferente daquela presente na tradição clássica.

Afinal, a filosofia clássica era substância, e não processo, em sua metafísica. Ou seja, uma entidade imutável, qualitativamente imutável, é fundamental para tudo. E assim, ao falar sobre a natureza humana, a substância subjacente é, naturalmente, aquela substância ou aquelas substâncias que compõem um ser humano, com ênfase em uma única substância ou na substância corporal, matéria e suas qualidades e funções.

Agora, quando você muda dessa visão de substância para uma visão de processo, pode ser difícil dizer isso em inglês, uma língua moldada pelo pensamento substancial, mas o fato é que o ser humano é, em última análise, um processo, não uma substância. Portanto, se quisermos compreender a natureza humana e

implementar uma visão da natureza humana na filosofia, precisamos, antes de tudo, pensar no ser humano como um processo de experiência. Agora, se você perguntar: por que experiência? A resposta, creio eu, é dupla.

Primeiro, de um ponto de vista empírico, como podemos falar de identidade pessoal se ela não for, como na tradição empirista que remonta a John Locke, em termos da maneira como a memória do passado e a antecipação do futuro se identificam dentro da experiência presente? Portanto, é uma questão de experiência em virtude da qual temos qualquer identidade da qual estejamos conscientes. Essa, se quiserem, é a razão epistemológica. Mas, é claro, a outra razão é que, nessa tradição hegeliana, na qual, seguindo Kant, a consciência humana é a lente através da qual tudo é compreendido, e na tradição hegeliana, com seu desdobramento da consciência no processo da história, como se descreve qualquer processo evolutivo? E, visto que Dewey é, como observamos na última vez, um naturalista evolucionista, o processo de desenvolvimento evolutivo é, na verdade, um extenso processo de experiência.

E certamente, para um ser humano, a vida é experiência. Aliás, é interessante notar que, em nossos dias, existe um uso popular do termo "realidade", o que, tenho percebido, dificulta a compreensão da metafísica por parte dos estudantes iniciantes. Isso porque o uso popular do termo "realidade" se refere ao que é real na minha experiência, e não ao que é real em si mesmo.

Entende a diferença? A metafísica se preocupa com a coisa em si, a realidade. Mas a realidade passou a significar a realidade da minha experiência. Bem, isso faz parte de todo um movimento de pensamento que saiu da tradição alemã do século XIX e chegou, sim, veremos isso no existencialismo e assim por diante, mas certamente em Whitehead e Dewey.

Portanto, o ser humano precisa ser compreendido em termos desse conceito de experiência, um conceito muito rico, muito mais rico do que aquele conceito vago e unidimensional de John Locke, composto simplesmente de ideias simples. Muito mais rico do que isso.

Mas quando começamos a abordar a natureza humana em termos de experiência, torna-se compreensível que ele diga que os seres humanos são, antes de tudo, criaturas do desejo, e não do intelecto. Porque a experiência concreta vem carregada de orientação emocional, com atitudes afetivas em relação ao passado, presente e futuro.

Tudo isso. Agora, some isso à psicologia funcionalista da qual estávamos falando, e você verá que, em qualquer caso, o pensamento será simplesmente uma função de um organismo biológico em resposta à experiência, que inicialmente é de base fisiológica e, inicialmente, afetiva. Portanto, uma concepção muito diferente do

homem daquela da alma racional habitando um corpo com alguma essência fixa da natureza humana, e assim por diante.

Muito, muito diferente. Então, no primeiro capítulo, ele estabelece isso nas primeiras seis páginas. Se preferir, como premissas de todo o livro.

E então prossegue apontando que a filosofia antiga se consolidou como doutrinas teóricas porque surgiu do desejo. Desejo é a palavra-chave. Veja bem, filosofias, doutrinas, crenças morais surgem do desejo de consolidar, de preservar o passado.

Para que os ideais que foram bem-sucedidos no passado sejam perpetuados. E assim, é como se quiséssemos um passado congelado e, conseqüentemente, uma filosofia de posições estáticas, imutáveis. O que precisamos fazer é reconhecer que a experiência é um processo contínuo, a vida é um processo contínuo, e a filosofia não deve ser um conjunto de doutrinas, mas sim uma atitude reflexiva sobre a experiência, os desejos, os conflitos de desejos e as ameaças àquilo que desejamos.

Para Dewey, a filosofia é mais uma questão de atitude, a atitude filosófica, por assim dizer, do que um conjunto de doutrinas. É por isso que, quando falo de Dewey como um naturalista evolucionista e lhe atribuo um naturalismo metafísico, bem como um naturalismo metodológico, faço-o com certa hesitação na minha consciência filosófica, porque ele não queria ser visto como detentor de um conjunto fixo de doutrinas. Mas, é claro, ele queria.

Uma delas é o seu naturalismo evolucionista, outra é a psicologia funcionalista, e assim por diante. Então, esse é o primeiro ponto a ser destacado. Fiquem à vontade para dar feedback, reagir, questionar ou comentar enquanto eu falo.

Na parte inferior da página cinco, ele diz que precisamos reconhecer que a consciência comum do homem comum, é isso que ele busca, a consciência comum da pessoa comum, a experiência, veja bem, deixada por si só, é uma criatura dos desejos. A consciência é uma criatura dos desejos, e não do estudo intelectual, da investigação ou da especulação. Ela deixa de ser ativada principalmente por esperanças, medos e assim por diante somente quando é submetida a uma disciplina que é estranha à natureza humana.

O que, do ponto de vista do natural, é artificial. E assim surge a artificialidade da filosofia clássica. Muito bem, os fatores históricos no capítulo dois, sua revisão de alguns fatores históricos na reconstrução da filosofia, na verdade duas visões do conhecimento.

Onde o antigo, que ele remonta a pessoas como Aristóteles, é a tentativa de encontrar uma verdade imutável sobre essências imutáveis. E você faz isso, claro,

abstraindo da experiência em vez de trabalhar com a experiência. Você abstrai dela a essência de uma espécie.

E faça raciocínio dedutivo a partir do seu conhecimento desses primeiros princípios, abstraindo-os. Essa é a forma que o conhecimento assume. Mas o outro tipo de conhecimento é aquele introduzido por Francis Bacon com seu clássico ditado de que conhecimento é poder.

Não a contemplação de essências, mas o poder. Não o conhecimento do imutável, mas o saber como efetuar a mudança. Saber como exercer o poder de mudar.

E essa é a grande virada, essa distinção. O antigo exigia demonstração, prova. O novo exige descoberta.

Assim, o que Dewey vislumbra é a extensão da visão baconiana da utilidade do conhecimento em nos dar o poder de mudar as coisas. A extensão disso às ciências naturais era a visão de Bacon. Talvez você se lembre de que ele escreveu uma obra chamada A Nova Atlântida.

Essa era a visão dele de uma utopia científica. Algo que ele achava que sua rainha, Elizabeth I, deveria achar muito empolgante. Mas ele escreveu aquela coisa sobre utopia científica.

Bem, o que Dewey quer que você veja é o mesmo tipo de poder liberado na transformação da experiência humana. Agora, voltando às ciências sociais, às ciências humanas. E, conseqüentemente, seu pensamento é que as técnicas de resolução de problemas, que sua nova lógica desenvolve, como comentamos brevemente na última vez, a capacidade de resolução de problemas do conhecimento pode ser aplicada à condição humana.

Aborda problemas sociais, questões políticas e problemas internacionais. Ele escreve principalmente sobre o período entre as duas guerras mundiais, entre 1918 e 1940.

Então ele está pensando em termos da depressão econômica. Ele está pensando em termos do desenvolvimento do socialismo em todo o mundo ocidental. E no surgimento de uma ditadura comunista na União Soviética.

Em outras palavras, as imensas transformações no antigo sistema. Política, econômica e mudando a face de pelo menos a Europa. Ele está reconhecendo as tensões políticas.

E aquele velho sonho de que a Primeira Guerra Mundial seria a guerra para acabar com todas as guerras. Sabe, deste ponto de vista no final do século XX, a gente meio que sorri. Percebo sorrisos nos rostos de vocês enquanto eu dizia isso.

Uma guerra para acabar com todas as guerras. Veja como tem sido. Ele está preocupado, entende, em resolver problemas.

Resolução de conflitos. Veja bem, a noção de resolução de conflitos é um dos aspectos mais importantes em certas áreas da ciência política. Há quem defina a ciência política como a ciência da resolução de conflitos.

Esta é uma definição de política de John Dewey. A política costumava ser ética aplicada. Mas, graças à sua transformação em ciência social, e à absorção das ciências sociais por visões instrumentalistas do conhecimento, como a de Dewey, ela deixa de ser um ramo da ética aplicada, exceto no sentido da ética instrumentalista de Dewey.

Uma forma de resolver problemas. Então, os fatores históricos entram em jogo nesse ponto. E se você olhar para a página 43, poderá ver como ele articula isso.

Topo 43 na linguagem de Bacon. Embora tenhamos tido um sucesso razoável em obter domínio sobre a natureza por meio da ciência, observe a revolução tecnológica.

Nossa ciência ainda não está em um nível que permita a aplicação sistemática e preeminente desse princípio ao alívio da condição humana. Tais aplicações ocorrem, mas são incidentais. Essa limitação define o problema específico da reconstrução filosófica na atualidade.

Então ele é bem explícito sobre esse tipo de coisa. E o que ele quer, claro, é que as mudanças na sociedade passem de um investimento em princípios eternos, universais e imutáveis para o desenvolvimento de meios específicos para resolver problemas à medida que surgem. Algo mais pontual do que qualquer outra coisa.

Ética situacional aplicada às políticas públicas. O fator científico subjacente a essa reconstrução, capítulo três, são, na verdade, duas visões do mundo natural. Duas visões da natureza.

O que aconteceu na história das ciências naturais que fez a diferença? E é aqui que ele deixa clara sua rejeição à teoria das formas fixas que nos foi legada por Platão e Aristóteles. A teoria das formas, que se traduz na fixidez das espécies. Fins fixos.

O que ele chama de mundo fechado. Digamos, um universo com potencial já definido. Um potencial definido.

Fechado. Em vez de aberto, tudo é possível. Aliás, um paralelo interessante entre Dewey e o que se encontra em Sartre.

Se Deus está morto, tudo é possível. Se não existem fins fixos, tudo é possível. Se não existem formas fixas, tudo é possível.

Nesse sentido, existem algumas semelhanças entre o tipo de trabalho que Jean-Paul Sartre fazia na França e, um pouco antes, de forma mais amena, o que Dewey fazia nos Estados Unidos. Dewey é uma espécie de equivalente americano do existencialismo que se desenvolvia no continente.

Se você tem um universo sem valores, então nós temos que criar os valores . E, de certa forma, Dewey está dizendo a mesma coisa, à sua maneira instrumentalista particular . Então, a versão moderna, à luz da teoria darwiniana da seleção natural, é que não existem espécies fixas.

Não existem formas fixas. Este é um processo evolutivo aberto. Um mundo aberto em vez de um mundo fechado.

E isso significa, obviamente, que não existe hierarquia feudal. Não existe lei natural como base para a prudência do júri. Não existe lei natural.

Os fins são sempre situacionais, emergindo na situação problemática, com espaço para constante mudança evolutiva. Na página 70, ele afirma, no meio da página, que formas e fins fixos marcam limites fixos à mudança. Eles tornam frugal toda tentativa humana de produzir e regular a mudança, exceto dentro de limites estreitos.

Eles paralisam invenções humanas construtivas por meio de uma teoria que as condena antecipadamente ao fracasso. Foi somente quando os fins fixos foram banidos da natureza que os propósitos se tornaram importantes como fatores na mente humana capazes de remodelar a existência. Não tenho certeza se isso é historicamente correto, porque me parece que há muita remodelação ocorrendo na tradição tomista com as causas finais que eles têm.

Toda a questão da natureza e da graça está se remodelando para fins apropriados. Mas a leitura que Dewey faz da situação é bastante clara . Bem, aí estão os fatores históricos, na verdade, nesses três primeiros capítulos.

E isso, creio eu, fica bem claro sem problemas. O capítulo quatro, intitulado "Concepções Alteradas da Experiência e da Razão", trata basicamente de mudanças na compreensão da experiência.

E nas páginas 83, 82, 83 e 84, isso fica mais evidente. Ele destaca na página 82, no início do novo parágrafo, que o empirismo da sorte tinha uma intenção desintegradora. Ora, nesta mesma época na semana passada, estávamos lendo uma passagem de Whitehead que dizia a mesma coisa.

Você se lembra de que Whitehead disse que as ideias da experiência, a experiência da sorte, eram tanto separativas quanto abrangentes? Eram separativas, e ele quer que sejam tanto separativas quanto abrangentes. Ou seja, as ideias de Locke são atomísticas, isoladas, cada uma uma ilha em si mesma, sem inter-relações internas.

Os relacionamentos são todos externos, separatistas. E Whitehead defende relacionamentos abrangentes, nos quais um leva naturalmente ao outro. Existem relacionamentos internos.

Bem, Dewey está essencialmente defendendo o mesmo ponto, que na experiência concreta não existem átomos isolados de experiência. Existe um continuum. Existem relações internas .

Assim, em Locke, a experiência é desintegrativa. Hume questiona a artificialidade disso. E, no final do parágrafo 83, ele introduz dois elementos que possibilitaram uma nova concepção da experiência.

Um fator, o principal, é uma mudança na própria natureza da experiência tal como é vivida . Ele retoma esse assunto na página 86, mas continua a discussão. O outro fator é o desenvolvimento de uma psicologia baseada na biologia.

Essa é a sua psicologia funcionalista. Ele retoma esse ponto, antes de mais nada , nos parágrafos imediatamente seguintes, onde afirma que o efeito do desenvolvimento da biologia é que onde há vida, há atividade.

Uma atividade contínua, adaptada ao ambiente e não passiva. Assim, há muito do continuum causal refletido na experiência. A experiência, no topo do 86, torna-se primordialmente uma questão de ação.

O organismo não fica parado, como Macorber , esperando que algo apareça. Essa alusão literária passou despercebida? O Sr. Macorber, sempre esperando que algo apareça? Isso é Dickens. E por mais que eu tente, não me lembro, é Oliver Twist ou David Copperfield? David Copperfield.

O Sr. Macorber, sempre à espera que algo aconteça. Como o Macorber . O organismo não fica parado como o Macorber , sempre à espera que algo aconteça.

Ela não espera passivamente e inerte que algo a impressione. Ela age de acordo com sua própria estrutura e com o ambiente ao seu redor. E assim surgem as relações inatas, porque somos criaturas do desejo inseridas em um contínuo biológico.

Entende ? Bem, ele então apresenta o resultado da experiência biológica, que, por sua vez, segue o mesmo caminho e se mostra muito mais um continuum do que a visão atomística fazia parecer. E quando se trata de falar sobre razão na página 95, na metade da página, a razão deveria ser separada da experiência, introduzindo-nos a uma região superior de verdades universais. A razão, como uma faculdade kantiana que introduz generalidade e regularidade, parece-nos cada vez mais supérflua.

A criação desnecessária de homens viciados em formalismo tradicional e terminologia rebuscada. Ele rejeita essa concepção e, em vez disso, fala de sugestões concretas que surgem do passado, empregadas como objetivos e métodos de reconstrução específica, testadas pelo sucesso e pelo fracasso. Esse é o pensamento inteligente que surge no decorrer da experiência, à medida que criamos ideias para resolver situações problemáticas.

Portanto, o tipo de raciocínio que ele busca é a inteligência voltada para a resolução de problemas. A capacidade de extrair ideias de um repertório de experiências, selecionar aquelas que são apropriadas para uma determinada situação problemática, realizar experimentos mentais, talvez até experimentos explícitos, e então confirmar, por meio da experiência, se eles realmente funcionarão ou não . Em outras palavras, o tipo de inteligência necessário para efetivar mudanças.

Para efetivar mudanças. Portanto, uma concepção completamente diferente. Agora, com essa concepção transformada da experiência, você pode entender por que a concepção dele de educação era tão diferente.

Porque você não está tentando ensinar às pessoas a arte da dialética ou da abstração. Platão, Aristóteles. A dialética ou a abstração são necessárias para compreender as verdades eternas.

Entende ? Princípios universais. Não. O que você está fazendo é tentar desenvolver nas pessoas o tipo de inteligência prática que lhes permite encontrar uma solução viável quando surge um problema .

essa era a chamada educação progressista dele. Idealmente, a sala de aula seria um ambiente onde, à medida que surgem problemas, as pessoas teriam liberdade para explorar o conjunto de ideias disponíveis nos livros ou em suas próprias experiências, e encontrar maneiras adequadas de lidar com a situação.

Em vez de uma tentativa sistemática de desenvolver a capacidade intelectual, que pode abstrair e trabalhar logicamente a partir de conceitos abstratos, temos duas concepções diferentes. O valor do legado de aprendizagem reside em enriquecer o acervo de experiências humanas, permitindo que elas sejam utilizadas em situações problemáticas.

No espírito do ditado que diz que quem negligencia o passado repetirá os erros do passado. Mas veja bem, o motivo para examinar o passado não é compreender algumas verdades eternas sobre a natureza humana ou a história, mas sim ter recursos para o futuro. Certo.

Então, o Capítulo 5, que eu acho que omiti e disse que você não precisava ler. Estou certo? Sim, eu disse capítulos de 1 a 4. Bem, sabe, por precaução, leia o Capítulo 5. A misericórdia não é forçada. Eu não queria impor muito.

Mas, sabe, depois de ler todo o resto, você consegue ler este rapidinho. O que ele está fazendo é simplesmente rejeitar a dicotomia de Platão entre o ideal e o real. A dicotomia de Platão entre o ideal e o real.

Notamos que tanto Dewey quanto Whitehead são muito impacientes com todos os dualismos tradicionais. Mente e corpo, real. Ideal e concreto.

Entende? O argumento dele é que não existe um reino platônico de ideais transcendentais. Entende?

Ideais eternos e imutáveis. Não. Os ideais simplesmente surgem à medida que os problemas ocorrem.

O ideal é a resolução do problema que você deseja. Entende? E, portanto, você não pensa nesse ideal até que uma solução seja necessária.

E então há um ideal, que é o valor que você busca. Ideais são valores que surgem no contexto de situações problemáticas. Portanto, existe um continuum fato-valor, como ele coloca.

É aqui que ele rompe não apenas com o dualismo de Platão, mas também com o dualismo iluminista de fato e valor. Vivendo em um universo sem valores, entende? Valores são, de certa forma, intuições externas.

Não, não para Dewey. Pode ser que a natureza seja, em si mesma, um universo livre de valores. Mas nossa experiência não é livre de valores.

Nossa experiência é primordialmente de desejos. E se a sobrevivência está ameaçada, então o ideal de sobrevivência ganha destaque. É algo valorizado.

Entende? Existe, portanto, um continuum entre fato e valor, embora não existam valores eternos e imutáveis. Esse continuum reside no processo da experiência.

Bem, esse é o tema do que você não está lendo. O capítulo seguinte, número seis, aborda duas visões da lógica. Certo, a lógica antiga era formal.

Era dedutivo. A nova lógica é experimental. Bem, ele chama isso de experimental.

Sim, é o método científico. O tipo de lógica é estruturado, claro, em ordem. O tipo de padrão de pensamento necessário para a resolução de problemas.

É esse o tipo de lógica que ele está usando. Pensamento experimental. Começa com a observação do problema.

Reconhecendo o que está em jogo. Os valores que emergem. Os valores que estão ameaçados.

Os valores que são possíveis. E então surgem as ideias. O que são ideias? Ah, não são ideias simples de qualidades secundárias, etc.

Não. Ideias são hipóteses. Então, quando você está em apuros e diz: "Bem, tive uma ideia de como sair dessa", esse é o tipo de ideia que queremos.

Uma ideia é simplesmente um plano de ação. O que podemos fazer a respeito? Isso, se preferir, é o uso comum da palavra. O sentido de uma ideia.

Assim, a estrutura do pensamento, como você vê, trata de ideias que são hipóteses, e não concepções fixas ou dogmas teóricos. Ideias que são simplesmente instrumentos. Elas têm valor instrumental.

Elas não têm valor intrínseco. Não são intrinsecamente verdadeiras. Portanto, a discussão de James sobre a verdade como valor monetário se aplica perfeitamente aqui.

O que importa é o valor monetário na situação em que você se encontra. E a verdade, portanto, não é algo fixo. Ela está mais relacionada à satisfação de desejos. Ou seja, uma ideia pode ser considerada verdadeira se for útil para satisfazer os desejos existentes em uma determinada situação.

E nas páginas 155 a 157, o ponto crucial disso, o final da página 157, deixe-me ler esta parte: a verdade como utilidade significa serviço ao dar justamente essa contribuição para a reorganização e a experiência, ou seja, adaptando-se ao ambiente, dando justamente essa contribuição para a reorganização que a ideia afirma ser capaz de dar. A utilidade de uma estrada não é medida pelo grau em que ela se presta aos propósitos de um salteador de estradas, mas sim por se ela de fato funciona como uma estrada, como um meio de transporte fácil e eficaz, e o mesmo se aplica à utilidade de uma ideia. É uma hipótese.

E sua veracidade é medida pela utilidade da hipótese. Simples assim. Ora, esse tipo de contexto é realmente necessário para chegarmos ao capítulo da reconstrução moral, e aqui há algumas sutilezas que creio que devemos observar com atenção.

Em primeiro lugar, o uso que ele faz do termo "utilidade" ao falar de ideias pode levar você a dizer que Dewey é uma espécie de utilitarista, mas ele repudiaria categoricamente essa sugestão. Por quê? Bem, veja bem, o utilitarismo é um produto do antigo empirismo. Um empirismo que construía conhecimento e decidia o que fazer no futuro, mas o fazia com base em generalizações empíricas do passado.

Para um utilitarista, ao desenvolver regras morais, você as desenvolve com base no que a experiência passada lhe ensinou sobre como maximizar a felicidade, ou qualquer que seja o bem, para o maior número possível de pessoas. O foco do conhecimento é o passado, mesmo quando se tenta antecipar o futuro. Já para Dewey, o foco do conhecimento é sempre o futuro, não o passado.

Então, o que você quer é conhecimento do futuro. Agora, como se obtém conhecimento do futuro? Somente na forma de uma hipótese. Entende? Somente na forma de uma hipótese.

É claro que a experiência passada pode sugerir essa hipótese, mas lembre-se de que cada situação problemática será um pouco diferente de qualquer outra. Ele não está falando de regras gerais para a felicidade do maior número possível de pessoas. Não se fala em regras gerais baseadas em generalizações empíricas do passado.

Não. Ele está abordando um novo problema e tentando prever qual será o resultado de ações que poderemos realizar no futuro.

Portanto, o conhecimento que você busca não se baseia em generalizações empíricas a partir das quais se deduz algo, mas sim em uma hipótese que é, sim, sugerida, não deduzida, sugerida por experiências passadas comprovadas. A partir da hipótese, você pode deduzir o que provavelmente acontecerá se ela for verdadeira. Mas você não sabe se ela é verdadeira.

Porque isso é verdade, se é que é verdade, em relação ao futuro. Portanto, esta não é uma abordagem utilitarista. Primeiro, ela está orientada para o futuro, e não para o passado.

Em segundo lugar, está orientada para uma situação particular específica, em vez de generalizações sobre um bem supremo. A felicidade do maior número possível de pessoas. Ou algo do gênero, entende?

E terceiro, não se trata de uma moralidade baseada em regras, em nenhum caso. Não será uma moralidade baseada em regras, em nenhum caso. Mas sim de como resolver esse conflito.

Os empiristas não usavam hipóteses também em suas pesquisas científicas? Por exemplo, mesmo no século XVII? Sim, mas veja bem, ele está falando sobre pensamento voltado para a resolução de problemas. Onde a ênfase está no conhecimento do futuro. Agora, o utilitarista, ao se basear no conhecimento do passado, o faz em relação a um ideal fixo que se estende do passado para o futuro.

Esse ideal fixo é aquilo que o utilitarista em questão define como o bem supremo para o maior número de pessoas. Se for Mill, com seu hedonismo, é o máximo prazer para o maior número de pessoas. Para o que chamamos de utilitarismo ideal, pode ser o bem supremo de uma variedade mais ampla.

Mas sempre existe essa concepção de um fim fixo, um bem supremo, que se aplica no passado e no futuro. Há essa continuidade. Agora, com Dewey, não há essa continuidade.

Não existe um objetivo final supremo. Os valores são situacionais. Os bens são situacionais.

Então, ao abordar uma questão específica que surge em relação ao futuro, não há esse grau de continuidade com o passado. O resultado é diferente. Sim, senhor? Não, espere um minuto.

Neste momento, ele não está falando sobre descobertas científicas. Ele está falando sobre pensamento moral. Certo.

Este é o capítulo sobre concepções morais. E o que estou fazendo é tentar distinguir a ética utilitarista, com a qual você provavelmente o identificará se não prestar atenção, da ética situacional de Dewey. O utilitarista, em primeiro lugar, olha para o passado.

O utilitarista, em segundo lugar, tem alguns ideais imutáveis que se estendem até o futuro e que são traduzidos em regras gerais. Mas Dewey não concorda com nenhum desses pontos. Certo.

Outro ponto importante neste capítulo sobre reconstrução moral é o comentário que ele faz sobre o problema do mal. E, nesse mesmo espírito pragmático, ele afirma que o verdadeiro problema do mal não é teórico, mas prático. Não se trata de um problema lógico.

Como tornar a existência do mal sem propósito, aparentemente sem propósito, logicamente consistente com a existência de um Deus que é totalmente bom, sábio e poderoso? Esse é o problema lógico. Não, o verdadeiro problema do mal é o prático. O que podemos fazer a respeito? Voltando às situações problemáticas.

Portanto, ele não está interessado em debates teóricos e compreensão. Para Dewey, isso é irrelevante. Por que irrelevante? Observe essa palavra.

Irrelevante devido à teoria pragmática do significado. O termo irrelevante significa pragmaticamente sem sentido. Entende ? Falta valor monetário.

Então, acho que mencionei isso na segunda-feira, distinguindo, ao pensar sobre pragmatismo, incluindo Dewey, a teoria pragmática do significado, que o significado de uma ideia é encontrado em suas consequências práticas. O teste da verdade, que a verdade de uma teoria pode ser testada experimentalmente. E a definição de verdade é que a verdade nada mais é do que a aplicabilidade prática.

E o problema é o que alguém chamou de "nada fácil". Na definição de significado e na definição de verdade. Nada fácil na definição de significado e na definição de verdade.

Muito bem, essa foi minha breve análise do livro de Dewey. Comentários, perguntas? Estão achando fácil de ler? Meu palpite é que seja o mais fácil desde antes de Kant. Vocês me olham boquiabertos.

Sim, não é difícil. Você só precisa se acostumar com o estilo dele. Ele escreve em inglês em vez de alemão, mas o estilo dele é bem parecido com o de Hegel.

No sentido de que não se trata de um pensamento linear, que avança passo a passo de uma proposição para outra, como se encontra, por exemplo, em Locke ou Hume. É um pensamento mais dialético. Consiste em pegar um conceito e desvendá-lo num estilo de tese-antítese-síntese.

Então, trata-se mais de desenvolver um conceito contrastando a tese antiga com a antítese nova. Entende? E por isso há bastante repetição. Frequentemente, você verá que, no início de um capítulo, ele recapitula tudo o que fez nos capítulos anteriores e depois passa para mais uma tentativa.

É como se o raciocínio dele funcionasse assim: cada capítulo avança um pouco, mas apenas recapitulando o que foi dito anteriormente. Depois que você se acostuma com esse estilo, a leitura fica muito rápida. Vamos ver.

Uma palavra sobre pragmatismo hoje. Dewey morreu na década de 1950, mas o pragmatismo continua a influenciar o trabalho contemporâneo. E você o encontra em diversas personalidades.

Os dois que eu acho que mencionei que deveríamos observar são: um é W.V. O'Quine, de Harvard, que escreveu um pequeno livro chamado "A Teia da Crença" (The Web of Belief). Nele, ele fala sobre como ideias, crenças e teorias se entrelaçam como uma teia de aranha, formando um todo mutuamente reforçado, unificado e consistente.

Uma espécie de coerência em uma teia de crenças. O que Quine está fazendo, como você verá, é rejeitar qualquer abordagem fundacionalista e sustentar que as crenças não surgem de forma isolada, como se pudessem ser proposições ao final de uma prova silogística. O que cresceu foi a teia.

E todo o esquema tende a emergir no pensamento de alguém em um processo natural. Você se vê acreditando em um conjunto de coisas interligadas. Ora, subjacente a essa noção, é claro, está uma epistemologia naturalizada.

Ou seja, a visão de que a crença surge como parte de uma psicologia baseada na natureza. Que o valor de nossas crenças é instrumental, e não meramente especulativo. Em um estágio anterior de seu trabalho, Quine havia repudiado a antiga dicotomia analítico-sintética.

Criticou-o severamente. Salientou que, para todos os efeitos práticos, e também teóricos, uma afirmação, ou melhor, uma proposição, pode ser analítica ou sintética dependendo do seu contexto. Essa é uma distinção contextual.

Assim, por exemplo, a afirmação — e este é um exemplo meu, não dele — "Deus é bom" poderia ser considerada por um teísta como uma proposição analítica. Ela simplesmente desdobra o que já está logicamente contido no conceito de Deus. É uma proposição analítica.

Mas, por outro lado, funciona como uma proposição sintética em outros contextos de discurso. Se alguém está apresentando o conceito de um Deus bom a outra pessoa pela primeira vez, ou se está dizendo a alguém que recentemente sofreu uma grande aflição, oferecendo palavras de conforto, como "Lembre-se, Deus é bom", você está afirmando algo sobre Deus que, na angústia do seu problema, a pessoa pode ter deixado de lado.

Entende? Então, a questão é que, dependendo da função instrumental de uma proposição, veja bem, da função instrumental de uma proposição, o status analítico-sintético pode variar. Entende?

Então você encontra pragmatismo nessa forma. Você também o encontra em Richard Rorty. E aqueles de vocês que estiveram na palestra sobre pluralismo ontem à noite ouviram algumas coisas sobre Richard Rorty.

O que ele fez foi inserir todo o debate contemporâneo sobre pluralismo religioso no contexto do pós-modernismo. Veja bem, o debate sobre pluralismo religioso gira em torno da tendência de considerar diferentes posições religiosas como igualmente aceitáveis, como relativas, de modo que nenhum juízo de verdade possa ser feito entre uma e outra.

Agora, ao tentar ajudar o público a entender como uma posição como essa pôde surgir, ele disse que ela surgiu dentro do ethos do pós-modernismo. Veja bem, esse movimento rejeita a epistemologia iluminista, com suas tentativas de provar a veracidade de uma posição. Em vez disso, opta por um grau de subjetividade que, desde a Revolução Copernicana, impede a comprovação de qualquer possibilidade, resultando na relativização que daí decorre.

Bem, ao apresentar o pós-modernismo e suas influências, ele falou sobre Richard Rorty, um dos dois que ele enfatizou. Foucault era o outro, o europeu. Mas Rorty lecionava em Princeton, agora leciona na Virgínia, era da área de filosofia, migrou para as humanidades porque desistiu da filosofia.

O ponto crucial foi o livro dele, "Filosofia e o Espelho da Natureza", de uns 10 ou 15 anos atrás, no qual o espelho da natureza representa a visão de que as ideias são representações de uma realidade desconhecida. A visão representacional de Descartes, Locke, Kant, e assim por diante. E o argumento dele é que, devido ao fracasso dessa visão representacional que acredita que temos um espelho da natureza em nossas mentes, devido ao fracasso dessa epistemologia, o que resta para a filosofia esperar? Em outras palavras, para ele, ou é a certeza lógica dentro de uma visão representacional ou é o puro ceticismo.

Nada é cognoscível. E se nada é cognoscível com certeza, se a verdade não pode ser demonstrada, então temos simplesmente uma gama enorme de posições alternativas, e o máximo que podemos esperar é uma conversa interessante. É por isso, segundo alguns, que ele se mudou para a Virgínia.

Às humanidades. Bem, o pragmatismo presente no livro reside, em parte, no seu trabalho com as ideias de Dewey, entre outras, e na aceitação de uma teoria pragmática do significado e da verdade, por ser o caminho que restava à filosofia, caso a teoria da representação estivesse ausente. Ora, é evidente que outras pessoas discordam dele, pois nem todos abandonaram a filosofia.

E, obviamente, o que aconteceu foi que surgiu uma terceira alternativa, ou seja, outras direções epistemológicas que não são representacionais, no sentido dos

séculos XVIII e XIX. O que não seria nenhuma surpresa, já que essas nunca foram as únicas duas alternativas: ceticismo ou certeza absoluta. Portanto, o pragmatismo está envolvido aí.

Bom, vejo que nosso tempo acabou. Ok, segunda-feira, mais alguns comentários sobre pragmatismo, oportunidade para discussão, e depois continuamos.